



## REFLEXÕES SOBRE RELAÇÕES FAMILIARES EM QUE HÁ A PRESENÇA DE FILHOS HOMOSSEXUAIS

Daniel Cerdeira de Souza<sup>1</sup>  
Iolete Ribeiro da Silva<sup>2</sup>

### Resumo

Tenho como objetivo investigar a dinâmica das relações familiares onde há um filho (a) homossexual. Pessoas LGBT sofrem diversos tipos de preconceitos que iniciam-se dentro de seus seios familiares. Os preceitos histórico sociais são a base da homofobia que funciona como uma estrutura de exclusão dentro das famílias. A maioria dos jovens homossexuais vivem relações familiares embasadas pela violência de diversas formas, como invisibilidade, agressão física e verbal e essas violências não são encarada como tal, mas sim como uma espécie de correção que traria o filho direto a heteronormatividade. As consequências dessas formas de violência atingem o (a) jovem homossexual de maneira global, chegando até diversas esferas de suas vidas sociais.

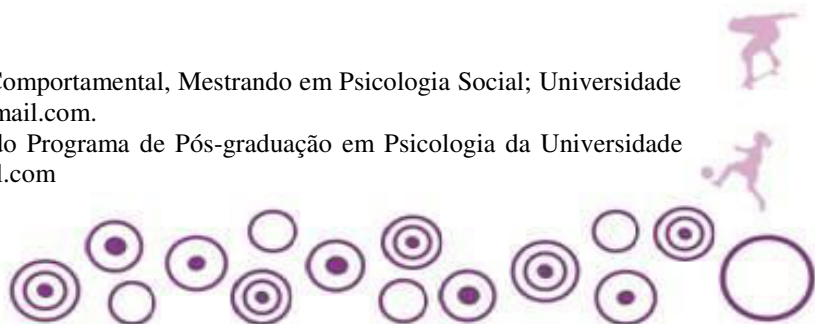
**Palavras- Chave:** Família, relações familiares, jovens homossexuais.


O objetivo desta reflexão é discutir as relações familiares em que há a presença de filhos homossexuais. A homossexualidade é considerada uma expressão natural da sexualidade humana, não sendo algo novo na humanidade. Sendo definida basicamente como a atração sexual por pessoas do mesmo gênero/sexo, a homossexualidade sofre, ainda nos dias atuais, muitos preconceitos e é rejeitada sem maiores questionamentos pela sociedade (MENEZES, BRITO, 2007). A família é o grupo social base da sociedade. As relações dentro deste espaço possuem uma grande influência na saúde e desenvolvimento de seus membros, principalmente dos filhos.

As condenações históricas da homossexualidade advindas das influencias sociais e históricas que colocam a heterossexualidade como norma universal, retratam uma cena de exclusão e violência dentro das famílias evidenciadas por declarações como “prefiro um filho morto a um filho veado”, ou ainda “prefiro uma filha puta a uma filha sapatão” (MOTT, 2001). A religião e suas interpretações a respeito da homossexualidade são com frequência

<sup>1</sup> Psicólogo, Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental, Mestrando em Psicologia Social; Universidade Federal do Amazonas; e-mail: dancerdeira01@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora Dra. da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas; e-mail: iolete.silva@gmail.com





mantenedores de significados negativos que dificultam mudanças necessárias para a aceitação e legitimação da mesma, dando a conotação de pecado a homossexualidade (SILVA, 2015).

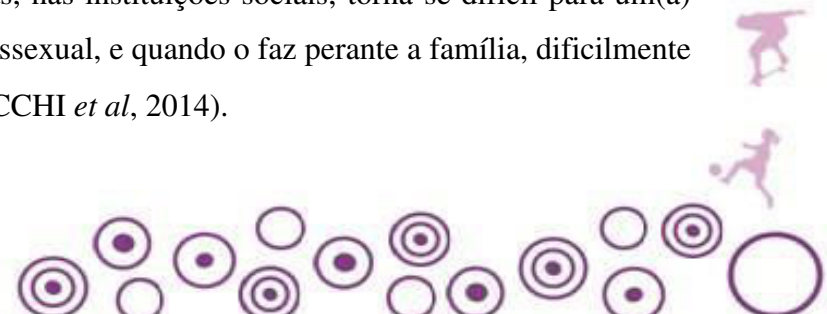
Schulman (2009) diz que a família é o refúgio da crueldade da cultura, mas se a esta é a fonte da crueldade, a sociedade mais ampla será o refúgio para a pessoa violentada. Mas, se a família e a sociedade são fontes de crueldade, onde refugiar-se-á o (a) jovem homossexual?


Para as demais minorias sociais, a família constitui o principal apoio no enfrentamento da discriminação global, porém, no caso dos homossexuais, é no próprio lar que a opressão e a discriminação se fazem mais presentes e fazem-se sentirem-se mais fortes (MOTT, 2000). Em relação a gays e lésbicas, os quadros de rejeição e violência psíquica/física, aliados a constrangimentos públicos começam dentro do próprio lar. A família, aliada a outros grupos detentores do poder social, trabalham unidos para a repressão do chamado “desvio” (FRAZÃO, ROSÁRIO, 2008).

Existem duas principais experiências que a maioria dos homossexuais compartilham em comum: “*o assumir-se*”, no sentido de revelar e não esconder mais sua orientação sexual (não existe nada parecido a isso na vida heterossexual) e a próxima é a de que a maciça maioria dos homossexuais em algum momento de sua vida já foi inferiorizado por parte de sua família especificadamente por causa de sua homossexualidade.

É muito comum que pais tentem encontrar uma razão para a orientação sexual fora dos padrões sociais do filho, procurando formular explicações lineares, culpando tal pessoa, ou responsabilizando acontecimentos na infância para tal questão da atualidade. Os pais culpam-se por acreditarem que não deram uma educação de qualidade a seu filho, de modo que não puderam livrá-lo da tão rejeitada homossexualidade, ou então transferem seus sentimentos frustrados para fora de casa, culpando e responsabilizando os amigos, e outros grupos extrafamiliares pelo “desvio do filho”. O sentimento de vergonha em relação à sociedade é observado, pois a mesma acusa os pais de uma paternidade fracassada. Os sentimentos de raiva, confusão, culpa e mágoa são os mais frequentes entre pais de homossexuais (MULLER, 2000).

A iniciativa quanto a revelação da orientação sexual é difícil para o homossexual. Poucos conseguem a maturidade da auto aceitação e revelam a sua orientação sexual para familiares (PALMA, LEVANDOWSKI, 2008). Devido à rejeição e à discriminação existente no meio social, nas escolas, nas famílias, nas instituições sociais, torna-se difícil para um(a) adolescente assumir-se como não-heterossexual, e quando o faz perante a família, dificilmente encontra acolhimento e respeito (PERUCCHI *et al*, 2014).





Segundo Muller (2000), a posição dos pais em relação à revelação do filho vai mostrar se os mesmos estão realmente interessados no filho ou se estão preocupados consigo ou com a sociedade. Quando há a revelação da orientação sexual considerada desviante dentro do seu seio familiar, percebe-se que a família não atua como protetora e promotora de saúde e dignidade de tais indivíduos, mas, pelo contrário, atua como um dispositivo de reiteração da norma heterossexual através de formas de violência pautadas na inferiorização das experiências “desviantes” (PERUCCHI *et al*, 2014).

Na maioria das vezes, a revelação da homossexualidade leva a uma crise familiar (FRAZÃO, ROSÁRIO, 2008). Em muitos casos, ocorre um distanciamento emocional entre pais e filhos homossexuais, pois os conflitos entre a homofobia internalizada dos pais e o amor que os mesmos sentem pelos filhos faz com que os pais se sintam desligados da vida destes. (PALMA, LEVANDOWSKI, 2008).


Schulman (2009) diz que a forma como homossexuais são tratados em suas famílias influi diretamente na qualidade de vida que os mesmos terão a partir de então. A harmonia dos filhos com os pais faz com que os jovens homossexuais sofram muito menos com depressão.

Os quadros de violência contra homossexuais dentro da família são comuns, porém, essa violência não é enxergada como privação dos direitos, mas sim como uma correção que levaria o filho “de volta a heterossexualidade”, considerada a conduta “normal”. As famílias usam de intensa violência contra homossexuais em nome do “amor e proteção” providos de conceitos sociais e históricos (COSTA, *et al*, 2012).

As famílias estão mais voltadas e preocupadas em “tolerar” os homossexuais, isto é, conviver sem conflitos mantendo os mesmo em uma posição de menos valor, onde estes são punidos no interior de sua estrutura familiar (SCHULMAN, 2009). Em geral, frente a homossexualidade dos filhos, na melhor das hipóteses o que ocorre é uma "homofobia liberal" apoiada sobre o mito da "escolha de vida privada" em que há uma lógica excludente: a vivência do homoerotismo não é vista como legítima, mas tolerada.

As situações de homofobia no contexto familiar se constituem a partir de dispositivos com efeitos psicossociais: mecanismos subjetivos que mantêm o silêncio e a impotência diante da violência não apenas física, mas, sobretudo, simbólica, por meio dos quais a norma heterossexual submete jovens gays e lésbicas a estratégias biopolíticas de controle dos seus corpos. A família, quando não toma uma postura violenta na tentativa de reprimir a expressão das vivências homoeróticas do filho, muitas vezes se utiliza de uma forma de silêncio, de invisibilidade das tais práticas. Mais que isso, a questão de "fingir não ver"; mostra-se como



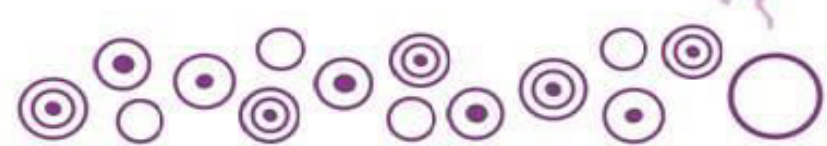



uma maneira que os pais e os familiares se utilizam para evitar o tema, na tentativa que as práticas homoeróticas fossem de algum modo caladas ou, ao menos, contidas (PERUCCHI *et al*, 2014).

Em suas famílias, muitos homossexuais encontram dificuldades não só no reconhecimento e aceitação de sua condição como pessoa, mas também em relação ao seu relacionamento íntimo. O não reconhecimento de suas relações uma das principais formas de violência vivenciadas por homossexuais em seu seio familiar, isso torna-se uma barreira nos casos de violência nas suas relações afetivas (TOLEDO, TEIXEIRA FILHO, 2013). Caso sofram violência na intimidade, os mesmos são forçados a ocultá-la, por medo de fragilizar ainda mais os laços de afeto familiares. Outro fator que contribui para o silêncio frente a esta situação é o medo da revelação da sexualidade do jovem para a sociedade e outros familiares, o que é bastante comum entre jovens homossexuais (COSTA, *et al*, 2012).

Perucchi (*et al*, 2014) diz que as construções cotidianas de identidade de gênero geradas dentro da ordem social dominante produzem violência anti-homossexual, tendo como impactos, práticas coercitivas, corretivas e punitivas, operadas por meio da violação de direitos e/ou de crimes, velados ou explícitos, ou simplesmente, por violências cotidianas. Em sua pesquisa, a referida autora constatou que ainda que a violência homofóbica no âmbito familiar não culmine com a expulsão ou saída da casa dos pais, ela se processa nas relações cotidianas dos filhos homossexuais. Quando eles permanecem no convívio de um lar heteronormativo, ser heterossexual garante posições privilegiadas ou, muitas vezes, posições de sobrevivência e não violência, ser homossexual, não. Situações corriqueiras de discriminação são ancoradas em privilégios de seus parentes heterossexuais nas trocas familiares. Privilégios que sequer são reconhecidos, pelos autores da violência e muitas vezes pelos jovens em situação de violência familiar, como sendo privilégios.

De acordo com a Teoria Sistêmica, o bode expiatório é o alvo de tentativas agressivas por parte dos pais para reformar, cumprir, disciplinar e punir. A aparente “ruindade” deste desvia a atenção dos pais de outros possíveis problemas, na medida em que os pais se unem para controlar o filho (CALIL, 1987). Podemos relacionar esse conceito com o que diz Schulman (2009), já que gays geralmente estão sozinhos em sua família, eles se tornam bodes expiatórios perfeitos, pois no interior deste grupo, ninguém é como ele ou se identifica com ele, então, o homossexual se torna o depositário de todos os ressentimentos e deficiências familiares, além disso, ninguém está a ver o que realmente acontece, pois a homofobia e exclusão são disfarçadas de “valores morais”. Fica evidente que o eleito como bode expiatório não é o problema da família, pelo menos não o único. Esse é um mecanismo de proteção da





família, que deixa de olhar para si mesmo, focando os olhares no “sujeito problema”. Este “problemático” acaba por se tornar o agente protetor da família, onde o mesmo, sendo o inadequado no seio familiar, acaba por se deixar usar para que se mantenha o equilíbrio da família.

De maneira geral, em nossos achados, as relações familiares em que homossexuais estão submetidos são, na maioria das vezes, relações baseadas na violência. A violência intrafamiliar é toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um membro da família. Pode ser cometida dentro e fora de casa, por qualquer integrante que esteja em relação de poder com a pessoa agredida. Inclui também as pessoas que estão exercendo a função de pai ou mãe, mesmo sem laços de sangue (DAY *et al*, 2003).

Concluimos que a violência é recorrente no seio familiar entre os jovens gays. Homossexuais são expostos a relações violentas quase como uma norma. São comuns as ocasiões nas quais os familiares protagonizam cenas cruéis de violência física/psicológica contra os mesmos (SOLIVA, 2010). Nos resta abrir espaços de reflexão para a desconstrução das normas sociais que são a base da violência que tal público sofre.

## Referências

COSTA, Érica Flávia Soares et al. Violência Doméstica Contra Homossexuais – Máscaras e Mitos. IV Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH. Universidade Federal de Alagoas, 2012.

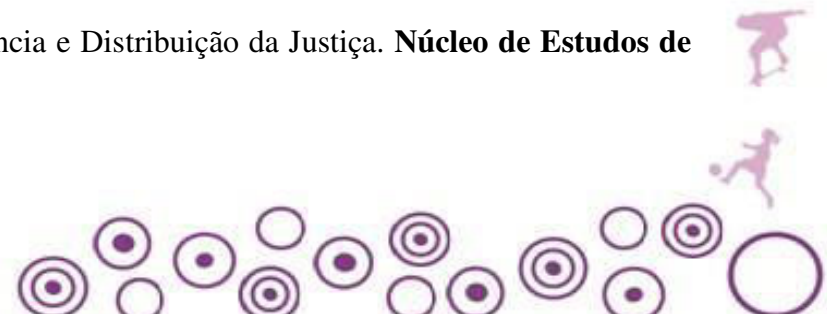
DAY, Vivian Peres et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de psiquiatria**. v. 25, suplemento 1, 2003.

FRAZÃO, Pedro. ROSÁRIO, Renata. O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. **Análise Psicológica**, vol.1, n, 26, pp. 25-45, 2008.

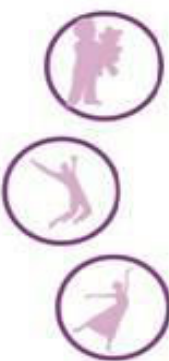
MENEZES, Aline Beckmann de Castro, BRITO, Regina Célia Souza. Reflexão sobre a homossexualidade como subproduto da evolução do prazer. **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol. 12, n. 1, pp. 133-139, 2007.

MOTT, Luiz. A Revolução Homossexual – O Poder de um Mito. **REVISTA USP**, n. 49, pp. 40-59, 2001.

MOTT, Luiz. Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? Seminário Gênero & Cidadania: Tolerância e Distribuição da Justiça. **Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu**, Unicamp, 2000.







MULLER, Wunibald. **Pessoas homossexuais**. Tradução de Carlos Almeida Pereira – Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

PALMA, Yáskara Arrial, LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. Vivências Pessoais e Familiares de Homossexuais Femininas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol. 13, n. 4, pp. 771-779, 2008.

PERUCCHI, Juliana; BRANDAO, Brune Coelho, VIEIRA, Hortênsia Isabela dos Santos. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estud. Psicol.**, vol.19, n.1, pp.67-76, 2014.

SCHULMAN, Sarah. **Ties that Bind: Familial Homophobia and Its Consequences**. New York: The New Press, 2009.

SILVA, Mônica Magrini de Lima et al. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. **Temas psicol.**, vol.23, n.3, pp. 677-692, 2015.

SOLIVA, Thiago. Família e homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais. *Fazendo Gênero: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. UFSC. 2010

TOLEDO, Livia Gonsalves, TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. **Arq. bras. psicol.**, vol. 65, n.3, pp. 376-391, 2013.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

